ANO 23.º—Número 1195 ◆ **O Jornal de maior expansão e defensor dos interesses de Guimarães** ◆ Domingo, 5 de Dezembro de 1954

Director, editor e proprietário
António Dias Pinto de Castro
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4313

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

A' Ex.ma
Sociedade Martins Sarmento
Guimarães

VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

Novo planeta

Além dos Planetas já conhecidos, cada um com as suas características e com os seus *desígnios*, mais uma descoberta desses corpos celestes se acaba de fazer e que, segundo as suas primeiras revelações, vem inspirado na pretensão de aperfeiçoar as Obras de Misericórdia, corrigindo defeitos no que se refere à forma de praticar a Caridade e, assim, estabelecer princípios perante os quais a mesma se tornará mais eficiente ou produtiva. Trata-se, evidentemente, de um Planeta de primeira grandeza e só devemos lamentar que a sua aparição não tivesse surgido vinte séculos antes para bem daqueles que só conhecem o conforto do manto da Caridade para iluminar com o sol da Justiça Divina aqueles que sem lições de ninguém—porque lhes faltava o mestre—têm cometido faltas no cumprimento desse bendito Apostolado. No entanto, como as boas intenções são inimigas dos pecados mortais, as faltas cometidas por quem agora está a ser chamado à ordem deverão ser relevadas pela Bondade infinita de Deus, Aquela que melhor pode dar lições ou fornecer explicações sobre o verdadeiro conceito da Caridade. Portanto, só Deus, como Supremo Julgador, deverá julgar as pessoas e as instituições que, porventura, tenham deturpado a sagrada missão de praticar a Caridade por meio de qualquer das múltiplas modalidades em que a mesma pode ser exercida. De resto, se o Planeta de que falamos se justifica a exemplificar defeitos e, ao mesmo tempo, a dar explicações das quais resulte a correcção dos mesmos, a sua existência passará a constituir um fruto maravilhoso da boa compreensão da Caridade e esta, por sua vez, passará a ser orientada pela influência do novo fenómeno da Cosmografia.

Oxalá, pois, que novos horizontes se possam abrir no vasto domínio do Amor do próximo, sem cartazes de exibicionismo filantrópico nem faltas que possam concorrer para desvirtuar qualidades e virtudes, porque, acontecendo assim, ficará satisfeita a vontade do *recem-aparecido* e, com certeza, *mudará de rumo* para outro sector da vida social onde fizer mais falta. Por nossa parte, não criaremos obstáculos, de qualquer natureza, à sua marcha triunfal através da Órbita Celeste, por onde terá de assentar arraiais de maior esperança no bom êxito da sua doutrina.

A. B. C.

GOA E O MUNDO

O discurso que o sr. Presidente do Conselho proferiu, no dia 30 de Novembro, na Assembleia Nacional, sobre o caso de Goa, despertou no país o maior interesse e teve no mundo justificada repercussão.

Trata-se de um novo depoimento do sr. prof. dr. António de Oliveira Salazar, acerca da India Portuguesa—depoimento brilhante onde não é difícil descobrir, na sua objectividade serena e nos seus argumentos inconcussos, uma notável e eloquente interpretação do direito moral, histórico e jurídico.

O caso da India é sobejamente conhecido nos seus mais dramáticos pormenores. Não vale a pena, portanto, historiar factos que a perfídia e a ambição de traidores e mercenários precipitaram com o apoio tácito dos dirigentes da União.

Mas não se pode deixar de confessar, neste transe de amargas desilusões, que o que se tem passado é simplesmente vergonhoso e ultrajante para a civilização e para a consciência do mundo livre e define o falso e tonitruante pacifismo dos corifeus asiáticos, que não passam de perigosos embusteiros, a avaliar pelos actos que praticam à semelhança dos «inofensivos» satyagrahis...

Mais uma vez o sr. prof. dr. Oliveira Salazar fez, serenamente, sobre o caso de Goa, uma explanação rica de verdades jurídicas e razões morais, que se repercutiu, no mundo, como a voz altissonante de um Povo que já tem oito séculos de vida magnífica e que heròicamente saberá resistir, «para além do impossível», ao ataque miserável das hordas arregimentadas de Nehru.

SERVIÇOS DACTILOGRAFADOS
Discursos, Conferências, etc.
SERIEDADE E SIGILO
Bons preços 484
Nesta redacção se informa

SOMNUNT PATRIÆ

Cerra os teus olhos pátria minha, e sonha
O sonho dos heróis... sonha tranquila!
—A Pátria sonha; ninguém vá impedi-la
Em sua vida ascencional tamanha!

Pátria, ao teu lado dorme a Nova Espanha
Em monumentos grandes de arte e argila!
—A Espanha de Aragón, León e Castilla
Que de valor e graça tanto ganha!

Sonhai, Pátrias, em glória semelhantes!
Sonhai as duas sonhos de gigantes
E que vos não perturbem sonhos vãos...

Sonhai, sonhai agora, lado a lado
Almas bem juntas... nunca foi pecado
O casto beijo que une a dois irmãos!

Espanha — 1954
1.º de Dezembro

AGNELO CORREIA JÚNIOR.

—PAPAGAIO REAL: QUEM PASSA?
—É O REI QUE VAI ÀS "OBRAS"...

Aos meus amigos
Pintor Abel Cardoso e
Dr. Mariano Felgueiras

Caminha, lentamente, uma figura,
Mixto de asceta, de guerreiro e herói.
Tem um ríctus sereno de amargura,
De algo que traz na alma, e que lhe dói.

A cidade, infeliz,
Adormece, lá em baixo, entorpecida,
Como alguém que na vida
Tem dramas a roer, e não os diz.

Vendo passar essa figura austera,
Afonso Henriques reconheço que é;
Lá vai em sonhos róseos de quimera,
E com o coração cheio de fé.

E a mim mesmo pergunto:—Aonde irá,
Pela noite silente, este ancião?
(O luar, no céu, lembra uma rosa-chá,
Abrindo-se em luz de oiro e de ilusão).

Essa figura avança, empolga e cresce.
Atravessa em silêncio as velhas ruas.
Nisto, pára e estremece
Em frente às «Obras», trágicas e nuas.

E num mixto de pasmo e de furor,
A's míseras paredes demolidas
Pergunta:—«que poder destruidor
Quebrou as vossas linhas tão floridas?
Que vândalos passaram,
Que lâminas rasgaram
A vossa carne de granito em flor?
Quem ousou poluir,
Como em orgia criminosa e cega,
Vossa beleza virginal e a rir
E de elegância grega?»

No silêncio daquela solidão,
Em amargo lamento,
Uma voz irrompeu do coração
Do pedregulho, e disse, soluçando:

«—No conluio da triste escuridão,
Como alguém que à traição
Sua vítima espera e a apunhá-la,
O beleguim inculto e truculento
Jurou destruição».

De pé, o velho Afonso venerando,
Naquela conjuntura,
Lembrava a estátua heróica da amargura,
Sem ânimo e sem fala.

E esse espectro de herói, meio aturdido,
Extático e caído,
Longo tempo ficou, olhando o espaço;
E depois, num abraço,
A ulular e a chorar,
Caiu por sobre as pedras ultrajadas,
Inermes e sagradas,
Que pareciam cadáveres ao luar!...

Dia Primeiro de Dezembro de 1954

A. GARIBÁLDI.

Visita do Senhor Subsecretário da Assistência

Visitou no domingo a Santa Casa da Misericórdia de Guimarães o sr. Subsecretário de Estado da Assistência, dr. José Guilherme Melo e Castro que se fazia acompanhar, além de seu secretário particular sr. dr. Amaral, pelos srs. Governador Civil do Distrito, Presidente da Câmara Municipal de Braga, eng.º Sá e Melo, Director Geral da Urbanização; eng.º Alegria Martins, dr. José Alberto Braga da Cruz, Delegado Distrital do Instituto de Assistência à Família, e outras individualidades. No Hospital da Misericórdia era aquele membro do Governo aguardado pela Mesa Administrativa, da Presidência do sr. Prof. Mário de Sousa Meneses, Cap. José Maria Pereira Leite de Magalhães Couto, Presidente da Câmara Municipal; Corpo Clínico do Hospital, P.e Avelino P. Borda, Presidente da C. M. de Assistência; P.e José Fernandes Ribeiro, Capelão do Hospital; Irmã Directora do mesmo estabelecimento hospitalar, P.e José Carlos Simões, Director do Internato Municipal; António José Pereira Rodrigues, Presidente do Asilo de Santa Estefânia; P.e Luís Gonzaga da Fonseca, Presidente das Oficinas de S. José; José Mendes Ribeiro Júnior e José F. Rosas Guimarães, Vereadores Municipais e outras individualidades.

Após os cumprimentos habituais, na Sala do Despacho da Misericórdia, o Provedor Prof. sr. Mário de Sousa Meneses apresentou ao ilustre membro do Governo uma nota circunstanciada das principais necessidades de mais urgente solução para a boa eficiência dos serviços hospitalares, entre as quais a ampliação do hospital, prevendo a construção de um bloco cirúrgico, enfermarias privativas de pediatria e de tuberculosos, assim como instalações apropriadas para algumas especialidades que se encontram a funcionar provisòriamente em dependências destinadas a outros serviços, pela força das circunstâncias assim o determinar, etc. Em seguida, Sua Ex.ª visitou todas as dependências do edifício hospitalar, o Pavilhão de Infecto-contagiosos e as instalações da Comissão Municipal de Assistência, após o que manifestou a sua grande satisfação pelas óptimas impressões que levava do Hospital de Guimarães e prometeu dispensar a sua melhor atenção aos melhoramentos que lhe foram apontados e os quais Sua Ex.ª reconheceu necessários em consequência do considerável movimento hospitalar.

Após a visita ao Hospital aquele membro do Governo visitou ainda o Asilo de Santa Estefânia, levando de ambas as visitas as melhores impressões.

O Senhor Subsecretário com a sua comitiva visitou, também, na sua passagem por Guimarães, o Museu Regional Alberto Sampaio, que muito elogiou,

Os «Obreiros» da MARCHA
foram homenageados

Prestou-se, finalmente, uma bem merecida homenagem aos incansáveis **«Obreiros»** da **Marcha Gualteriana**, como justo prémio às muitas e inestimáveis provas de dedicação que têm dado à Terra.

Deu-se satisfação a uma vontade que nasceu logo após a realização da Marcha e que nós abraçamos, desde então, sem intenção embora de antecipado patrocínio, tendo-lhe dado, todavia, e até final, não obstante incompreensões e más vontades com que tivemos de lutar educadamente, o melhor do nosso esforço:—estava em causa a Terra e havia em vista homenagear alguns dos seus dedicados Filhos.

A Direcção do Grémio do Comércio de Guimarães e alguns valiosos elementos da Comissão das Festas da Cidade colaboraram nessa merecida consagração.

E na hora própria fez-se justiça, todos se congratulando pelo dever cumprido.

A cidade, por intermédio de muitos dos seus habitantes, disse o seu «obrigado!» àqueles que a têm servido desinteressadamente e—quantas vezes!—com sacrifício até dos seus afazeres e da sua saúde.

Honra lhes seja, pois!

Recordando o Padre Gaspar Roriz

A homenagem aos «Obreiros» da Marcha começou, tal qual a organizámos, por uma romagem ao túmulo do inesquecível Vimaranense, consagrado autor da letra do Hino da Cidade, Sacerdote e orador de grandes méritos, Escritor, Poeta e Autor dramático, o saudoso Padre Gaspar da Costa Roriz, que foi quem idealizou a *Marcha*, ao tempo, (ano de 1907), denominada «*Milanesa*».

Os valorosos elementos que este ano e já em anos anteriores promoveram aquele número das nossas Festas tradicionais, assim como as Direcções do Sindicato Nacional dos Caixeiros, com o seu estandarte, e do Grémio do Comércio e muitos outros vimaranenses concentraram-se às 11 horas junto do cemitério municipal e depois, em romagem, foram até junto da campa do prestimoso Cidadão, depondo ali uma grande e formosa coroa de flores.

Alguns minutos após o silêncio que se formou em volta do túmulo, evocando todos essa figura notável de Bairrista que foi o Padre Roriz, proferiu algumas palavras de saudade e de consagração o sr. António Emílio da Costa Ribeiro, Presidente do Grémio do Comércio.

Em casa do «Obreiro número um»

Seguidamente todos se dirigiram para casa do venerando Prof. José de Pina, o «Obreiro número um» da Marcha Gualteriana, para o cumprimentar, prestando-lhe singela mas merecida e bem significativa homenagem.

José de Pina a todos abraçou, mostrando-se comovido por tão grande prova de consideração e olhou para os seus «Rapazes»,—todos quantos com ele têm trabalhado afanosamente na realização da Marcha,—louvando-os também pelo seu acendrado esforço em prol de Guimarães.

O Director do nosso Jornal, em nome dos promotores da Homenagem proferiu, então, algumas palavras, breves, de consagração e de louvor ao prestante Vimaranense que as agradeceu, recordando a fundação da *Marcha* e os trabalhos realizados para o seu bom êxito.

O Jantar de Confraternização

A' noite e num restaurante da cidade efectuou-se o anunciado jantar de confraternização e de homenagem aos briosos organizadores da Marcha Gualteriana do ano corrente, festa que decorreu na melhor ordem e com grande entusiasmo. Presidiu o sr. Eng.º António Rodrigo de Araújo Pinheiro, Vice-Presidente da Câmara Municipal, tomando lugar na mesa de honra os srs. António Emílio Ribeiro, Presidente do Grémio do Comércio, Benjamim de Castro Alves Ferreira, Presidente da Comissão da Marcha Gualteriana deste ano, Amadeu Guimarães, Presidente do Sindicato Nacional dos Caixeiros, Joaquim de Sousa Oliveira, Publicista A. L. de Carvalho e António Faria Martins, vereador Municipal.

Na altura própria brindaram os srs. António Emílio da Costa Ribeiro, Amadeu Guimarães, A. L. de Carvalho, António Faria Martins, António José Pereira Rodrigues, que fez parte da Comissão fundadora da Marcha, em 1907, e Benjamim Alves Ferreira.

O sr. António José Pereira Rodrigues, num improviso feliz, louvou todos quantos têm trabalhado pela Marcha e por Guimarães e salientou o nome do conceituado industrial sr. Joaquim de Sousa Oliveira, exalçando as suas qualidades e felicitando-o por haver tido a louvável iniciativa da homenagem que decorria. Isso deu motivo a que todos os assistentes, numa estron-

O NATAL DOS NOSSOS POBRES

Feito o nosso Apelo a favor dos pobres protegidos por este jornal, damos início, agora, à publicação dos nomes dos subscritores:

«Notícias de Guimarães»	500$00
Doutor António Paúl—Porto	50$00
Alvaro Gonçalves Lima—Lisboa	100$00
Eduardo Lemos Mota	20$00
Dr. Manuel Ferreira da Costa—Coimbra	20$00
Armindo Maria Fernandes	20$00
A. L. de Carvalho	20$00
João Eduardo Alves Lemos—Extremoz	25$00
Amadeu da Silva Mendes	40$00
Manuel da Costa Pedrosa	20$00
Anónimo	50$00
João Pedro de Oliveira	20$00
Comendador Alberto Pimenta Machado	1.000$00
Tenente Coronel Francisco Martins Ferreira	20$00
A transportar	1.905$00

dosa ovação, sublinhassem as suas entusiásticas palavras.

O sr. Benjamim Alves Ferreira, a quem os seus colaboradores da Marcha prestaram também homenagem, fazendo-lhe entrega de uma mensagem portadora dos seus louvores, a qual foi lida pelo sr. António da Fonseca Ferreira, no agradecimento que fez, perpassado da sinceridade, demonstrou bem o seu arreigado amor ao torrão Natal, tendo-se tornado intérprete do sentir de todos quantos a seu lado trabalharam pela realização da Marcha.

O sr. A. L. de Carvalho, nosso distinto colaborador, prendeu a atenção dos presentes, pronunciando o seguinte discurso:

Tomo parte neste festim, de coração contente.

Sinto que um pensamento fraterno nos conjuga.

O velho e sempre novo amor à terra, é o vínculo que nos reune.

Por ele refloriu, nesta hora, o sentimento da gratidão.

Gratidão, sim, é devida aos rapazes do comércio — aos de ontem, aos de hoje, aos de amanhã.

Pelo seu esforço, pelo seu bem querer à terra, a Festa da Cidade mantém um fulcro luminoso.

Sem a Marcha Gualteriana, a Festa da Cidade banalizar-se-ia.

Cansa-se o forasteiro dos programas bisados.

Só o forasteiro da Marcha Gualteriana, não cansa. E' que ela vale, por si, todo um cartaz.

Traz sempre algo de novidade.

Se rememoro as primeiras tentativas da Marcha, vejo-a desenrolar-se ao lusco-fusco da esterina. E tudo mais era limitado.

Hoje, é ver: a Marcha Gualteriana, como um sonho áureo, abriu suas asas de fantasia!

Sobre ser feérica, é grande.

Mal cabe dentro do ventre da cidade.

Quando a Marcha nasceu, em 1907, chamaram-lhe — «Milanesa».

Sendo artigo de importação, estava certo o chamadoiro. Ajustada ao nosso vimaranensismo, crismaram-na.

Havia de ser — Marcha Gualteriana.

Dois vimaranenses, de boa cepa, foram os seus precursores: P.e Gaspar Roriz e José de Pina.

Para que, porém, a Marcha triunfasse, era mister confiá-la à mocidade.

Sendo a Festa da Cidade produto da Associação Comercial, estava indicado — fossem os caixeiros quem tomasse a si a realização da Marcha luminosa.

Gerações de caixeiros se hão sucedido E, ano após ano, o «foro» não sofre relaxe.

Servir Guimarães!

Com timbre, a mocidade caixeiral — cumpre!

Sem o seu entusiasmo viril, nenhum empreita assalariado faria o «milagre» de realizar a Marcha.

Não nos iludamos: a Marcha Gualteriana empolga as multidões.

A sua bisarra figuração, faz estoirar a bochecha do riso. Riso jocundo, riso de saúde!

O bom humor expande-se em comentários. E o maior de todos traduz-se nesta curta e incisiva frase: — *Isto... só em Guimarães!*

E' que, a cenografia de luz e cor é tão dinâmica —, que as mesmas figuras de papel e arame, parecem reanimadas.

Quem lhes empresta esse fulgor são os rapazinhos anónimos — os traquinas da rua — seus condutores.

Também estes (filhos porventura da terra) à terra prestam o seu concurso.

Admirável este psiquismo popular, que transcende do espectáculo e se comunica aos espectadores!

* * *

Marcha Gualteriana de 1954.

Passa o Carro da epopeia lusitana: *Portugal na India.*

Sua concepção sobre ser inspirada, foi oportuna.

Animado ao pregão sonoro do canto camoneano, esse Carro falava-nos ao patriotismo.

O idealismo heróico das Descobertas e Conquistas portuguesas, reascendeu-se.

E, todos, como que vibrando por efeito dum fluido eléctrico, bradamos em unísono:

— Viva Portugal!

Estava posta em destaque mais uma característica da Marcha Gualteriana.

Há que perseverar neste pormenor de cena.

Quer dizer: Importa pôr ao serviço de outros carros, o auxiliar emotivo do alto-falante.

Ele ajudará a compreender a fantasia do carro. Dar-lhe-á mais vida. O mesmo sucesso se alcançará, se os grupos — certos grupos de efeito teatral — se animarem em sonoridades de canto e música apropriadas.

A par disto, impõe-se a homogeneidade do cortejo. Carros e grupos, condizentes...

— Vão longe as antigas marchas dos archotes fumegantes.

Aquelas outras marchas dos balões venesianos, já estão fora da moda.

A Marcha Gualteriana, é a rainha das marchas luminosas.

Por vezes temos a preocupação do seu exclusivo.

Pode ser?

O que importa que seja, é perseverar no propósito de a tornar sempre original.

Bem sei que um imperativo de natureza económica manda aproveitar o material das cenas que passam.

Mesmo assim, a primavera da Marcha Gualteriana — subsistirá.

Pela própria vontade dos seus organizadores, a sua primavera será latente.

Haja outras vontades a secundá-los no seu esforço.

Como poderia ser isso?

Em mente me perpassa o Carnaval do Brasil.

Quem o faz? Os Clubes. Todos — cada um pelo seu Clube — contribuem para o todo.

Também a nossa Marcha luminosa podia acolher grupos aderentes.

Os «Vitorianos», por exemplo, com as suas multiplas modalidades desportivas, luminosamente exteriorizadas, dariam ao cortejo, — se quisessem! — aspectos de seguro efeito cénico.

As lutas de competição exploradas pela alegoria, encontrariam no grande público um acolhimento entusiástico.

Mera divagação é esta, de quem, às vezes, sonha acordado.

Só não é sonho, mas pura e grata realidade, estar a Marcha Gualteriana — em boas mãos!

Animados ao fulgor duma juventude pretérita, aqui vieram, aqui estão, alguns dos precursores da «Milanesa».

Quase meio século é passado para alguns.

As recordações bem vividas, remoçam o ânimo.

Embora lágrimas nostálgicas teimem em mostrar-se, mesmo assim — recordar é viver!

Caixeiros de Guimarães!

Dirijo-me ao vosso espírito de classe.

Lìricamente se diz — que a Gratidão é uma flor de raro perfume.

Pois, creiam: essa flor não feneceu na alma vimaranense. Aqui estamos todos a demonstrá-lo, pelo nosso próprio exemplo.

— Bebo, pela vossa saúde! Pelo vosso triunfo profissional!

Encerrou os brindes o sr. Vice-Presidente da Câmara que teve para a cidade de Guimarães, onde estudou e onde vive, palavras do mais alto apreço e agradeceu em nome da Câmara o convite para aquela festa.

Ao terminar o jantar deram entrada na sala algumas dezenas de graciosas meninas que também foram valiosas auxiliares da Marcha Gualteriana, tendo-se dado início, então, à *Soirée* dançante que decorreu com grande animação, prolongando-se até de madrugada.

Àquelas meninas foi oferecido um chá predominando sempre a maior alegria.

Assinada por todos os presentes foi entregue, depois de lida aos «Obreiros» uma Mensagem que dizia:

«Presta-se hoje, nesta cidade, merecida e sincera homenagem de admiração, reconhecimento e louvor, aos prestimosos «OBREIROS» da MARCHA GUALTERIANA, em prova de alto apreço aos inestimáveis serviços dispensados à Terra por várias gerações que vieram de há quase meio século até nossos dias, numa romagem magnífica de dedicação bairrista e são no presente a afirmação do que valeram os nossos Pais e Avós.

Àqueles que sonharam a MARCHA e lhe deram vida no movimento das suas curiosas figuras animadas e a tantos outros que têm vindo de ano para ano a renovar com inteligência e esforço os múltiplos números do CORTEJO DE MARAVILHA — tradição cheia de vivacidade e encanto — prestam, singela embora, mas nem por isso menos entusiasta e sincera homenagem nesta hora alta de exaltação bairrista.

Guimarães, 28-XI-1954.

OS VIMARANENSES.»

Receberam-se muitos telegramas e cartas, dos srs. Conselheiro Raúl Alves da Cunha, dr. Augusto Ferreira da Cunha, Armindo Peixoto, do Porto; Joaquim de Almeida Guimarães, João A. da Silva Guimarães, Aurélio de Barros Martins, etc, etc.

* * *

Aos briosos «Obreiros» da Marcha Gualteriana foram entregues, além de outras importâncias remetidas à Comissão da Homenagem por algumas individualidades, aquelas que foram, para o fim em vista, confiadas ao «Notícias de Guimarães», que em devido tempo as acusou nestas colunas.

Realizou-se o "Cortejo do Farrapeiro"

Promovido pelas Conferências de S. Vicente de Paulo, desta cidade, e com a colaboração de muitas outras pessoas, realizou-se, no dia 30, nesta cidade, o anunciado «Cortejo do Farrapeiro», em favor do património dos pobres, cuja iniciativa é digna de louvor, tendo merecido o acolhimento da cidade.

Aquela magnífica jornada de caridade teve início pouco depois das 14 horas, e prolongou-se pela tarde fora, percorrendo todas as artérias da cidade, carros e camionetes e grupos de «Vicentinos», na simpática missão da recolha de donativos em géneros, agasalhos, dinheiro, objectos usados, etc.

O mau tempo prejudicou bastante o cortejo, mas ainda assim conta-se que tenha sido avultado o rendimento das ofertas feitas.

Como não foi possível fazer a recolha de todas as oferendas, voltará, em dia a designar, a efectuar-se novo cortejo.

Houve, pelo que chegou ao nosso conhecimento, donativos avultados em dinheiro e em géneros, tendo sido também feita as ofertas de uma casa do património dos pobres, pela firma José Faria Martins & C.ª e de terrenos para a construção de diversas casas, pelo sr. Dr. Sebastião Lobo Cardoso de Meneses.

As Conferências de S. Vicente de Paulo, que promoveram o Cortejo do «Farrapeiro», pedem-nos sejamos intérprete do seu reconhecimento aos vimaranenses pelo acolhimento que todos dispensaram ao seu Apelo em favor dos seus protegidos. Informa-nos, também, que aquela jornada teve de ser interrompida, para prosseguir oportunamente, em data a designar, por virtude de serem insuficientes os armazéns de que dispunham para a recolha dos objectos oferecidos. As direcções das conferências mostram-se deveras penhoradas com as Empresas de camionagem e outras firmas vimaranenses que tão desinteressadamente puseram ao serviço do Cortejo os seus camions e fourgonetes. Pedem-nos também para destacar neste agradecimento a firma «A. Gouveia» que tão altos serviços prestou com a sua aparelhagem sonora.

ASPECTOS DO REGIMENTO 20 HÁ 50 ANOS

XVII

A Banda do 20 não era uma Orquestra Filarmónica de grande categoria, mas distinguia-se pela honestidade com que os seus regentes desempenhavam o cargo, proporcionando ao Público Vimaranense concertos de música escolhida, dos melhores compositores, desde os clássicos aos contemporâneos, sem contudo ainda se ter chegado a estes delírios modernos, que já ouvi classificar, e muito bem, de — música de macacos.

Quando muito as rapsódias populares portuguesas entravam nos programas, para variar com a sua ligeireza a pesada atenção das composições clássicas, e eram as favoritas de outras Bandas, como a do João Inácio e do Maneta, que deste último só recordo o nome.

A do João Inácio actuava principalmente, na minha lembrança, nas festas Nicolinas e na noite do «Pinheiro» lá vinha ela a desfiar o Hino de S. Nicolau, para o qual o velho amigo, e Nicolino, Torcato Simões engendrou a letra, já muito tardiamente para lha decorarmos, nesta terra onde não há queda para o canto.

No primeiro de Dezembro, à porta do «Afonso Henriques», a estudantada, archotes acesos nas mãos dos garotos, soltava o grito «O' Inácio, toca o Hino», e aquela rapaziada desandava pelas ruas de Guimarães aos vivas, e um ou outro trauteava a letra adaptada, que começava assim:

«O' homem da pera branca!
Qu'é lá isso?»
Etc., etc., etc.

Depois eram as «Posses» e o Magusto, que terminava no alpendre da igreja de S. Pedro, dentro das grades, na distribuição das castanhas e da vinhaça à garotada, oleiros e música.

Geralmente o Inácio era caloteado pela Comissão Académica, que nunca prestava contas, e havia sempre um benfeitor que fiava a estudantada, nem sempre satisfeita, e parece que, afinal, o Inácio tinha certa afeição aos estudantes, como qualquer «nicolino».

O homem do bombo era um preto, de bigodes grisalhos, que também distribuia o «Independente», do Albano Pires de Sousa.

Quando havia «cavalinhos» no Campo da Feira, ou no Largo da Misericórdia, o Inácio era sempre encarregado de «arruar» e então certos pândegos pediam-lhe — «ó Inácio, toca o *Recuerdo*», com o que dava um sortalhão.

A's vezes, no meio da semana, nem feriado, nem dia santo, nem véspera de romaria ou festejo público, estourava para a estrada de Fafe uma girândola de foguetes.

A música do Inácio, arrebanhada à pressa, saía logo a arruar com o Hino da Carta, parando aqui e acolá, em casas conhecidas, e já se sabia — *caiu* o Governo.

A' noite marcha *aux flambeaux* — este termo tinha então, com a escassa iluminação dos petrólios municipais, um significado deslumbrante, feérico, entusiasta que arrastava as massas ao seu clarão avermelhado do alcatrão fumarento — que percorria as ruas da cidade aos vivas, umas vezes ao partido Progressista, outras ao Regenerador, e outras ao Franquista.

Assim, se fosse ao Franquista, parava na casa do Dr. Meira, que falava às massas, na do Jácome, do farmacêutico Alves Mendes, do Simão Ribeiro, da Rua Nova, este assanhado partidário do Dr. João Franco, tanto que uma vez, para lhe demonstrar dedicação, quis despir a sobrecasaca para servir de tapete ao seu ídolo.

No palacete do Proposto, do Visconde de Nespereira, do Abade de Tagilde, do José Pinheiro, nas Hortas, do Meira de S. Dâmaso, se fosse o conselheiro José Luciano o distinguido por S. Majestade.

Mas os manifestantes, a música, os portadores dos archotes e os que correspondiam entusiàsticamente aos «vivas» eram invariàvelmente os mesmos, sempre os mesmos, e sempre com o mesmo entusiasmo, e, parece, com a mesma convicção — de estarem sempre com o Governo.

Os do Partido deposto, esses fechavam-se em casa, não tugiam nem mugiam, mesmo quando a manifestação lhes parava à porta a berrar — «Olha a beiça! Olha a beiça!»

A música do Inácio andava sempre nestas festas das redondezas, e nas Procissões que não metiam tropa, e ainda me recordo de ter comparecido numa festa do S. João, em Santa Luzia, com iluminação e fogo.

Os festeiros taparam o «rio» logo debaixo da ponte e conseguiram assim um «lago» de água lodosa e escura que alastrou pelas redondesas, servindo para as evoluções de dois barcos em que se pagava um pataco pela aventura de navegar nos «mares de Santa Luzia», dando a ilusão da travessia do Brasil, havendo até quem enjoasse!

Dez minutos de sensação, o barco atacado de sopeiras, soldados e meninos, a borda a razar a água, mas a verdade é que naquele tempo já se podia dizer que se andou embarcado, e até de ter sofrido um naufrágio, porque de uma vez aquilo virou-se e pregou com os passageiros na água, felizmente sem vítimas a lamentar, senão a de se terem encharcado e atascado na lama.

Para aquele tempo, em que só uma ou outra vez na vida se saía de Guimarães, este divertimento chamou ali inúmera gente.

A Banda do 20 preparava-se com meia hora de antecedência e descia o Carmo, Rua das Trinas, de Santo António e chegava ao Toural pela face Norte, e pelo portal de ferro entrava no Jardim e instalava-se no coreto.

O Mestre ficava voltado de costas para a igreja de S. Pedro, tendo na sua frente os respectivos naipes distribuidos segundo as regras, e, ao fundo, junto das escadas de acesso, a «pancadaria».

Os aprendizes distribuiam as partes de cada instrumento e o Mestre mandava o Contra-mestre pedir licença para começar o concerto ao oficial mais antigo, as mais das vezes ao Comandante.

Tenho uma vaga ideia de que nem sempre começava pelo Hino Nacional, nem igualmente terminava, senão nos dias feriados, mas de certa altura em diante assim sucedeu em todos os concertos.

Começava, depois de executado o Hino Nacional, por uma marcha, *passe-calle* ou passo dobrado, seguindo-se as peças de resistência — uma Abertura e depois uma partitura de Opera, Sinfonia ou concerto adaptado a Banda.

Isto durava uma hora, o que já requeria o descanso de meia hora, terminando na meia hora restante por música ligeira, depois de outra marcha e o Hino Nacional.

Ora, o jardim público estava nesse tempo no Toural, mas muito dfierente do que é agora.

Ocupava o âmbito do actual, com uma diferença de nível, mais baixo do lado de S. Pedro, que ainda agora se nota, mas mais sensível naquele tempo, e era cercado de grades, altas grades difíceis de escalar, com dois portões a Norte e Sul, e o coreto quase na frente do Hotel do Toural, ao lado do passeio central.

Jugueiros — Felgueiras, 10 de Novembro de 1954. *Continua.*

A. DE QUADROS FLORES.

Festas Nicolinas

Começaram as tradicionais Festas Nicolinas, que no dia 29, à noite, foram anunciadas, ao toque dos tambores e por acordes do hino nicolino, com a entrada do «Cortejo do Pinheiro».

No cortejo, que atravessou a cidade já passava da meia noite, incorporaram-se dois carros alegóricos e ainda algumas juntas de bois, que precediam o carro que conduzia o pinheiro.

Apesar do mau tempo, que prejudicou bastante aquele número das festas, nas ruas juntou-se bastante gente para presencear o desfile do cortejo.

Ontem, à noite, efectuaram-se as «Posses», que estiveram concorridas, havendo, hoje, o «Pregão» e amanhã o «Cortejo das Maçãs».

Recortes de ESPANHA

II

Já nos tinham informado de que a melhor época para se visitar Madrid era o Outono. Madrid é muito fria de Inverno e escaldante no Verão. Assim que o Outono é considerado ali como a mais apreciada estação, já que a Primavera mesma, não consegue dar aquela homogeneidade de clima, aquelas cores coadas, aquela placidez e bem estar, o sossego, a alternativa de matizes nos belos parques, um conjunto harmonioso enfim, de notas outonais que são ali apanágio naquela estação.

Não nos surpreendeu pois que ao abrirmos pela manhã as janelas dos nossos quartos de dormir, Madrid nos oferecesse uma temperatura agradável, sob um céu azul, por cima de telhados de laranja.

Depois de almoço saímos ali a dois passos ao coração da *Gran-Via*. Era então quase à hora de reabrirem os comércios. Uma massa compacta de gente passava atarefada nos dois ânditos largos daquela larguíssima artéria.

Uma quantidade enorme de carros, autobuses e tranvias tomavam conta de toda a grande avenida, dando passagem apenas de onde a onde por sinalagem automática fielmente cumprida a uma ou outra avalanche de peões que a cruzavam seguros já que era rigorosa a sua observância.

Engolfamo-nos por entre aquela maré-alta de gente, e fomos à estação de «sol» (Porta do Sol) tomar o «Metro» para «Goya». Notamos então que quase metade dos habitantes de Madrid, não podem ser observados pelo mirone desprevenido. E' preciso baixar a essas estações subterrâneas para aquilatar bem do movimento madrileno. Os rapidíssimos combóios eléctricos, que de tão concorridos constituem só de per si uma das companhias mais ricas de Espanha, de muitos breves minutos em muitos breves minutos, despejam de um extremo ao outro da cidade milhares e milhares de pessoas.

E' realmente um meio de comunicação ideal para as grandes cidades, o mais rápido e o mais económico.

Desembocamos mesmo em frente à grande rua de Narvaez. Daí tomamos o autobus e saímos na *Praça de Cibeles*, enorme praça, com seus jardins asseados, grandes edifícios e grande movimento. Há carros modernos, a contrastar com uma percentagem maior de carros de há mais de dez anos, uma boa parte dos quais era constituida pelos «taxis». Mesmo assim tomamos um e fomos a «Chamartin», grandioso estádio madrileno que tem uma capacidade para mais de 120.000 pessoas.

A nova cidade universitária, de imponentes construções e os novos ministérios de arrojados lances, foram ainda para nós objecto de muita admiração.

Pronto voltamos por Alcalá até à *Praça de Neptano,* rico monumento artístico, cuja figura mitológica, de tridente em punho, parece querer ser sempre o primeiro a passar, em seu carro puxado a leões, pela avantajada praça.

Tivemos necessidade de passar à Praça de Espanha aonde deparámos com o monumento mais acentuadamente espanhol. Cervantes, com as duas pernas levemente cruzadas, escreve a sua obra imortal, enquanto os seus dois protagonistas, D. Quijote e Sancho, aquele cavalgando fidalgamente um ginete de fina raça, este repimpado à maneira salóia no seu pobre jumento plebeu, tal como no-los apresenta o glorioso mestre da língua castelhana, voltado de costas para o mais alto edifício de Madrid, pareceu-nos mesmo assim, com todo o seu ostracismo, das melhores representações madrilenas.

Não há visitante nenhum que vá a Madrid e não deixe de ver o chamado "Retiro".

O "Retiro" é um maravilhoso parque, bem arborizado, bem decorado, galante, com um movimento próprio de quem vai até ali para passar uma tarde sossegada, aonde servem bebidas e dispõem de arruados formosíssimos, com belas sombras, belas flores, música e recreio.

Tem os seus guardas próprios, de fardas campestres, para dirigirem e orientarem a vida do "Retiro", já que ninguém toca em coisíssima nenhuma do que é para todos afinal.

Desde qualquer entrada podemos admirar os belos trabalhos em pedra ou bronze das principais figuras da história, da arte ou da literatura espanhola. A maior estátua está sobre o lago límpido desse jardim captivante, aonde passeiam os barcos de recreio, que levam crianças, donzelas e jovens de todas as classes, nacionais ou estrangeiros; onde há nenúfares, peixes e cisnes. E' a monumental estátua equestre de Afonso XII.

Vimos aí Ramon de Campoamor, o poeta asturiano, um dos mais populares, configurado em bronze, com aquele quadro singelo duma obra seca em que a criada pedia ao seu amo que lhe escrevera: "senhor cura, escreva-me uma carta".

Havia por ali alguns artistas pintando, outros escrevendo, a maior parte da gente recreando-se.

Ao fim da tarde pedimos uma coca-cola e fomo-nos de fugida ao museu do Prado. Evidentemente que não pudemos ver tudo em tão pouco tempo. E do que vimos não podemos dizer nada, porque, se de qualquer coisa que está no museu do Prado quisessemos escrever, forçosamente teríamos que sair deste nosso plano de "Recortes" para fazer uma obra; uma obra que possìvelmente teria de ser uma recapitulação de tantas e tantas que à volta do museu do Prado já existem. Mas esta não é a nossa intenção.

Ali vivem imortalizados os maiores génios da pintura espanhola. Velasquez, Greco, Goya, uma galeria interminável de grandes pintores, afirmando, aos olhos do mundo sobrecarregado pelas ocupações materiais, as grandezas do espírito e da arte na mais categórica expressão do belo.

Mas deixemo-los. No Hotel estão-nos esperando os outros cinco amigos de viagem.

"Al Museo del Prado"... hemos de voltar... um dia!

Continua.

AGNELO CORREIA JÚNIOR.

PASSATEMPO PARA CRIANÇAS

O sr. Júlio de Santana, 34-5.º, Lisboa, ofereceu-nos alguns volumes, contendo resumos das histórias de Pedro Alvares Cabral, Fernão de Magalhães, Bartolomeu Dias e D. Afonso Henriques.

O mesmo sr. enviou-nos também um album, — «O Mundo Maravilhoso do Reino Animal» — e as respectivas estampas, que muito devem interessar às crianças.

As firmas comercias que desejarem adquirir este album, interessante e sugestivo, bem como as respectivas estampas, podem dirigir-se àquele senhor.

Carta a uma Senhora

Minha Senhora

Presenceei o cenário do «*Cortejo do Farrapeiro*», da iniciativa das Conferências Vicentinas, e se por um lado fiquei comovido por ainda haver necessidade, no século actual, de se recorrer a esse meio para combater a miséria de muitos lares, por outro lado senti no meu coração e na minha alma a alegria de constatar, mais uma vez, que há muitos seres humanos onde se encontram albergadas as mais nobres e as mais cativantes virtudes da generosidade e da caridade. O «Cortejo do Farrapeiro», que consiste apenas em cada um dar o que puder, por sua livre e espontânea vontade, simboliza um movimento de verdadeira sentimentalidade humana, quer por parte de quem o promove, quer também por parte de quem compreender o seu alcance e a sua projecção sociais. O facto de uns darem o que não lhes faz falta e até o que consideram inútil, por qualquer motivo, representa para outros fruto abençoado das Obras de Misericórdia, infelizmente ainda tão mal compreendidas por quem se nega a emprestar a Deus através daquilo que dá aos pobres. Ouvi, há dias, a um virtuoso e caridoso sacerdote, quando no púlpito chamava a atenção dos fiéis para o significado e a finalidade de tão simpática jornada de caridade, as seguintes palavras:

«*Há seres humanos que vivem em condições muitíssimo piores do que alguns seres inferiores ou irracionais*». De facto, minha Senhora, o Sacerdote em questão fez uma alusão para a qual não existem argumentos capazes de a destruir, uma vez que a verdade resiste a todos os factores de destruição, razão por que, como é hábito dizer-se, mais cedo ou mais tarde ela alcança o apogeu do seu triunfo, sejam quais forem os ventos ciclónicos que procurem ameaçar a sua intangível segurança. Porém, no caso presente, trata-se de uma verdade que nem ao menos admite a hipótese de ser discutida e porque assim acontece nem os próprios atingidos por ela poderão ter a veleidade de a pôr em dúvida. Verdades como essa, e ditas por quem tem autoridade para falar do espectáculo da mais confrangedora miséria de que são vítimas muitos lares, vivem no reino da intangibilidade e só poderá pensar o contrário quem tiver a pretensão de distinguir a cor branca com óculos pretos ou de usar óculos com lentes que transformem a realidade em simples e duvidosa imaginação. Por isso, minha Senhora, o «Cortejo do Farrapeiro» beneficiará exactamente esses nossos semelhantes que o destino e a sorte consideram farrapos humanos, quando é certo que são dignos, na qualidade de seres racionais e, portanto, de seres superiores, dos direitos estabelecidos pela hierarquia social. No entanto, por mais voltas que o mundo dê, teremos de continuar a encarar a vida, ora como portadora de rosas, ora como portadora de espinhos, isto é, conforme o ambiente em que a mesma se desenrolar, pois só assim melhor se poderá suportar o sofrimento provocado pelas setas da adversidade e alimentado pelo silêncio da resignação. E aqui tem, minha Senhora, o que eu senti ao ver desfilar o «Cortejo do Farrapeiro».

De V. Ex.ª

Dezembro de 1954 cd.º ven.or e obg.º

X.

OBRA DAS MÃES
PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

«O DIA DA MÃE»

A Obra das Mães pela Educação Nacional, vem promovendo desde 1938 a comemoração da «Semana da Mãe» e para lhe dar maior brilho escolhe sempre esta altura do ano para proceder à distribuição dos prémios concedidos a famílias muito numerosas.

De toda a Semana, o dia que deve ter maior realce é o *Dia da Mãe*, festejado em todo o país a 8 de Dezembro.

Que todos os portugueses correspondam com verdadeira compreensão a este nosso apelo. Que, conforme as suas possibilidades, mas sempre com ternura e gratidão, manifestem a suas mães o amor que lhes dedicam e que em nenhum lar esta data passe desapercebida, não se esquecendo de quem por eles se sacrificou, acompanhando-os nas horas amargas, guiando-nos o melhor que soube nos ásperos caminhos da vida.

Que os Pais e Professores nos ajudem, e lembrem aos seus pequenos alunos o muito amor que devem a suas mães. Formemos assim no espírito dos homens de amanhã o respeito e reconhecimento pelas Mães, contribuindo para a consolidação da família, de que depende o valor moral da Nação.

O amor à Terra e à Grei
— eis o nosso lema.

NO MEU CANTINHO

Geralmente, eu prefiro o Verso à Prosa.

Pois aos meus 83 agrada mais o meu Agnelo como Prosador do que como Poeta.

Agarro-o melhor.

* * *

Domingo, dia 28.

Em três dias, enganei as saudades de Guimarães.

Trasantontem, conversei o decantado *Jovem Amigo*, sem máscara.

Devo esse prazer aos gentilíssimos Negociantes da «Casa dos Enxovais». Aqui lhes agradeço com dez gratidões.

* * *

Anteontem, no *Comércio* tripeiro, o Estudo «Coimbra, vista de dentro» sobre o *adeus*, era muito interessante. Mas eu prefiro a velha quadra: «Eu não posso, nem brincando, dizer adeus a ninguém. Quem parte, leva saudades; quem fica, saudades tem».

* * *

No *Notícias* querido, achei o Delfim muito feliz. Mas o *e* do 3.º verso devia ser *ou*.

E o *vasio* do 11.º devia ser *vazia*.

* * *

A secção «Dos livros» era formosa e empolgante. A *Isildinha* seria prima da *Sãozinha*?

GERESINO.

HOMENAGEM

Ao saudoso amigo sr. Jerónimo Sampaio, bom bairrista e velho Nicolino.

Passam nas ruas caixas a rufar,
Os bombos bem puxados a marcar
Pelos punhos dos velhos nicolinos,
Tremem as casas, 'té os inquilinos!
— Olha o *Pinheiro* — os carros a chiar...
Velhos, Novos, vão confraternizar!
O bom Sampaio, o velho sempre novo,
A dar vivas às Festas Nicolinas,
As Festas mais antigas e as mais finas!

Eu quero hoje viver num recordar
Aquele bom amigo — Ele a saudar
Com seu filho e seu neto, em fantasia
Vivendo a mocidade, em alegria...
Retribui o bom povo às gerações,
Nos três jovens e gratos corações!
Contente, sorri — olhos a chorar,
Num saudoso adeus ao povo e ao lar!

Jerónimo Sampaio, sim, morreu! —
Se na vida estas Festas bem viveu,
E vós foste — ó briosa Academia
Levá-lo lá acima até à Atouguia —
E chorais de tristeza ou de saudade,
Ele ficou na Terra da Verdade!
— Mas a alma aqui ficou a incitar
Prà velha tradição não acabar!

E bem grande Homenagem lhe prestais,
Dar vida à Festa — à nobre *Guimarães*!

Guimarães,
Dez. de 1954 AURÉLIO MARTINS.

1.º de Dezembro

Na forma dos anos anteriores, a Mocidade Portuguesa da «Ala» de Guimarães comemorou a data do 1.º de Dezembro — dia da Mocidade. Houve concentração de todos os filiados da «Ala», às 9 horas, no Liceu, e alocução por um dirigente; continência às Bandeiras Nacional e da M. P., que foram içadas na torre de Menagem do Castelo da Fundação, e missa, às 10 horas e meia, na igreja da Colegiada, rezada pelo assistente religioso da «Ala», P.e Avelino Pinheiro Borda, com acompanhamento pelo grupo coral do Liceu, sob a direcção do professor César de Morais.

A's 15 horas houve uma sessão de cinema cultural no Teatro Jordão, gentilmente cedido pela respectiva Empresa.

Dos Livros

«LUANDA»

Da Direcção dos Serviços de Economia (Secção de Publicidade), recebemos um valioso volume sobre Luanda, capital da Província de Angola, desde a sua fundação por Paulo Dias de Novais, em 1575.

Com uma breve notícia da sua história, privilégios, posição geográfica, assistência, instrução, vias de comunicação, etc., «Luanda» contém dezenas de fotografias da importante cidade — monumentos, tipos e costumes indígenas, museus, panoramas, etc.

Alguns artísticos desenhos de Neves e Sousa valorizam o interessante volume.

Cantar do Serrano

que foi para o Mar
e se perdeu da Alegria...

— Diana, que vais p'rà caça,
por essas terras da Graça
lá da minha serrania:
— em certa Corça, ferida,
vivendo na pouca vida,
verás a minha Alegria!...

Não lhe afileis a matilha,
porque Ela é a minha filha,
filha da minha Ilusão:
— perdeu-se no matagal,
e ali se fina do mal
de perder meu coração!...

A Corça da serra brava
tanto do mundo olvidava,
feliz na agrura do monte:
— no embalo da vida mansa,
seu íntimo de criança
ria nas mágoas da fonte!...

Ela nasceu, descuidosa,
no cardo a cheirar a rosa,
entre silveiras em flor:
— e já, desde pequenina,
consigo trazia a sina
de no Riso amar a Dor!...

E a Corça anda pela serra,
tão cheia de amor à Terra,
no casto anseio do Céu:
— mas nas sombras do Caminho
me vem beijar, de mansinho,
pra sonhar no Sonho meu!...

No vaivém da pobre sorte,
na vida abraçando a morte,
deixai a Corça viver:
— porque a luz, sendo morrente,
vai de novo ser nascente
em risos de bem-querer!...

SALVADOR DANTAS.

DESPORTIVO

"FRANCISCO DE HOLANDA"

Prosseguem as festas comemorativas do 12.º aniversário deste grupo, tendo realizado ontem a anunciada conferência o jornalista sr. Alves Teixeira, que dissertou sobre *Momentos vividos e criticados na minha vida de jornalista*.

Teve a escutá-lo no salão de festas do Teatro Jordão, uma assistência numerosa e selecta, sendo muito aplaudido.

Em seguida foi feita a entrega de prémios a atletas do Clube e houve um Acto de Variedades Musicais em que colaborou, graciosamente, além de diversos amadores vimaranenses, o Prof. da «Hooner» sr. Karl Immer.

Para hoje e dias seguintes está elaborado o seguinte programa:

Dia 5, às 10 horas, visita à Escola pelos antigos e actuais alunos e palestra comemorativa; dia 8, às 9 horas, missa por alma dos alunos falecidos da Escola Industrial e Comercial, seguida de romagem ao cemitério; às 14 horas, TARDE DESPORTIVA, no campo Agostinho Lima, em Vizela; dia 11, às 20 horas, jantar de confraternização entre antigos e actuais alunos da Escola, ao qual preside o seu Corpo Docente.

As Festas
do "RITMO LOUCO"

No dia 1, realizou-se o anunciado ***Sarau-Baile Monumental*** em que fez a sua apresentação o jovem violinista Correia Martins, Filho, muito tendo agradado a sua exibição, em conjunto com a afamada Orquestra Monumental.

A assistência àquela festa foi numerosa e selecta, vendo-se entre ela muitas famílias estranhas ao meio.

O Baile decorreu com extraordinária animação, prolongando-se até altas horas da madrugada.

No Salão Nobre do Grémio do Comércio realizou anteontem a sua anunciada conferência sobre **Etnografia Vimaranense**, o distinto publicista sr. A. L. de Carvalho, que teve a escutá-lo um numeroso e selecto auditório.

Presidiu à sessão o Rev. António de Araújo Costa, Arcipreste, ladeado pelos srs. António Emílio Ribeiro, Presidente do Grémio; António Faria Martins, representante da Câmara; Tenente Arlindo Falcão, Comandante da P. S. P.; dr. Miguel Antas de Barros, dr. Daniel Nunes de Sá e Jaime Ferreira Martins, presidente do Ritmo Louco. O presidente ao abrir a sessão, fez algumas considerações sobre Etnografia e elogiosas referências ao orador da noite, que a todos iria proporcionar uma lição de Mestre.

O sr. A. L. de Carvalho socorrendo-se apenas de ligeiros apontamentos proferiu então a sua interessantíssima conferência, através da qual nos levou a recuados anos mostrando-nos certos costumes e tradições de Guimarães. A propósito da *Ronda da Lapinha* e em determinada altura da sua admirável palestra, pediu à escolar menina Maria Guilhermina Santos Teixeira para recitar uma formosa descrição em verso da «Senhora à Vila».

O trabalho do sr. A. L. de Carvalho mereceu os aplausos da assistência e, ao terminar, os louvores do presidente da sessão.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 3, o nosso bom amigo sr. José da Costa Pacheco; no dia 6, a sr.ª D. Maria Filomena de Magalhães Bastos Barroso, esposa do nosso bom amigo sr. Mário Lopes Barroso; no dia 7, o menino António Rodrigues de Araújo, de Carreira--Famalicão, e o sr. José Bernardino Albuquerque de Oliveira Pires e o menino Amadeu, filho do nosso bom amigo sr. José de Freitas; no dia 8, os nossos prezados amigos srs. dr. Fernando Lopes de Matos Chaves, Manuel de Freitas e Lino da Silva Rocha; no dia 9, a sr.ª D. Maria Elisa Vaz da Costa Marques e o nosso bom amigo sr. José da Costa, Mestre de Obras, de Covas; no dia 10, a sr.ª D. Maria de Sousa Machado Araújo, esposa do nosso bom amigo sr. Joaquim Rodrigues de Araújo, de Carreira--Famalicão, e os nossos bons amigos srs. Fernando Inácio de Sá Dias Pereira e Fernando Augusto Teixeira da Cunha; o menino Joaquim Afonso, filho do nosso bom amigo sr. António Teixeira de Sousa e o nosso prezado amigo sr. David António Martins; no dia 11, as sr.as D. Maria Francisca da Veiga Castro Ferreira e D. Maria José Ferreira da Costa e os nossos prezados amigos srs. Escultor António de Azevedo e Jacinto da Silva Guimarães; no dia 12, os nossos prezados amigos srs. Rodrigo Fernandes Abreu, Alberto Laranjeiro dos Reis e Manuel Rodrigues, industrial em Covas, e a sr.ª D. Ermelinda da Conceição Rodrigues Machado Sobral, esposa do nosso bom amigo sr. Manuel Simões Sobral.

«Notícias de Guimarães» *apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.*

CASAMENTO

No Santuário do Sameiro, em Braga, consorciaram-se no pretérito dia 27 de Novembro, a menina Felismina Augusta Mendes Rademaker Guimarães, filha da sr.ª D. Augusta da Cunha Mendes Guimarães e do sr. José Fernandes Rademaker Guimarães, funcionário bancário em S. Paulo (Brasil), e o sr. Domingos José de Freitas Ribeiro Martins da Costa, filho da sr.ª D. Maria da Conceição Freitas Ribeiro Martins da Costa e do sr. José Rodrigues Martins da Costa, já falecido.

Testemunharam o acto, por parte do noivo, sua mãe e o tio sr. João Maria Rodrigues Martins da Costa (Aldão), e por parte da noiva, seus tios, o sr. Armando da Cunha Nogueira Mendes e esposa a sr.ª D. Arminda Soares Leite Mendes, tendo conduzido as alianças a menina Manuela Augusta, irmã da noiva.

Aos noivos desejamos as maiores venturas.

Partidas e chegadas

Esteve entre nós o nosso querido calaborador e amigo sr. A. L. de Carvalho.

— Também nos deu há dias o prazer da sua visita o nosso distinto colaborador e prezado amigo sr. A. Garibáldi.

— Com suas esposas regressaram de Lisboa os nossos prezados amigos srs. Arnaldo Alpoim da Silva e Meneses e Aníbal Dias Pereira.

— Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Manuel de Sousa Guise.

— Regressou há dias de Lisboa o nosso prezado amigo sr. Conselheiro Dr. Raúl Alves da Cunha.

— Deu-nos o prazer da sua visita o nosso querido amigo sr. dr. António Paúl, distinto cirurgião no Porto.

— Retirou para o Porto onde vai fixar residência, tendo-nos apresentado os seus cumprimentos, o nosso estimado conterrâneo e amigo sr. António Martins Júnior.

— Com sua esposa regressou das suas propriedades d'Arcela à sua casa desta cidade o nosso prezado amigo sr. dr. Augusto Ferreira da Cunha.

— Partiu para Lisboa o nosso prezado amigo sr. dr. José Pinto Rodrigues.

— Regressou com sua esposa das suas propriedades da Longra, o nosso prezado amigo sr. Joaquim Teixeira da Costa.

Doentes

Encontra-se internado em quarto particular do Hospital da Misericórdia, onde foi operado na pretérita quinta-feira, estando a experimentar sensíveis melhoras, o nosso prezado amigo sr. Augusto Joaquim da Silva, uma das vítimas do desastre de viação ocorrido no Porto e a que tivemos já ocasião de nos referir.

— Também se vão acentuando as melhoras do nosso bom amigo sr. Pedro de Sousa Carvalho, outro sinistrado do referido acidente.

— Tem estado de novo doente, mas já vai sentindo sensíveis melhoras, o nosso bom amigo e distinto gerente do Banco N. Ultramarino sr. Leandro Martins Ribeiro.

— Foi há dias submetida a uma intervenção cirúrgica no Hospital da Misericórdia, onde se encontra internada em quarto particular, a sr.ª D. Maria José de Abreu Ribeiro, filha do nosso prezado amigo sr. António Emílio da Costa Ribeiro.

— Já regressou a esta cidade, completamente restabelecido dos seus incómodos, o nosso querido amigo sr. P.e Luís Gonzaga da Fonseca.

— Vai melhorando dos seus padecimentos, o nosso prezado camarada e amigo sr. João de Deus Pereira.

— Esteve doente, encontrando-se já restabelecido, o nosso bom amigo sr. Arnaldo de Sousa Guise.

— Tem passado doente a sr.ª D. Aurora de Freitas Saraiva.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

D. Beatriz de Lourdes da Silva Ribeiro Calixto

Contando 64 anos e confortada com todos os sacramentos, finou-se, após cruciantes sofrimentos, a sr.ª D. Beatriz de Lourdes da Silva Ribeiro Calixto, estremosa mãe dos srs. Gaspar da Silva Ribeiro Calixto, Simão José Ribeiro Calixto e Domingos António Ribeiro Calixto; sogra das sr.as D. Idalina de Jesus Correia Calixto e D. Rosalina do Carmo Almeida Calixto, e avó da menina Maria Beatriz Calixto, tendo-se efectuado anteontem o seu funeral, que esteve muito concorrido, do templo da Misericórdia para o cemitério Municipal.

A' família dorida apresentamos sentidas condolências.

João Mendes Guimarães

Pereceu, há dias, afogado, por virtude de haver caído, de noite, a um regato, o operário surrador sr. João Mendes Guimarães, casado, de 57 anos, irmão dos srs. Domingos Mendes (Recoveiro) e Emiliano Mendes.

O seu funeral, que esteve muito concorrido, efectuou-se na 2.ª-feira, à tarde, para o Cemitério Municipal.

Pêsames à família.

Vida Católica

Santa Luzia

A Irmandade de Santa Luzia, erecta na igreja de S. Dâmaso, festeja a sua Padroeira no próximo dia 13, havendo, às 8 horas, missa resada em sufrágio da alma do antigo mesário sr. Belmiro dos Santos Martins; às 11 horas, Missa solene e, às 20,30, exposição do Santíssimo, terço e sermão por um distinto orador sacro e bênção do Santíssimo Sacramento.

A igreja, que ostentará uma armação primorosa da Casa Eugénio & Novais, estará aberta até altas horas da noite.

A parte musical está confiada às Oficinas de S. José.

Aniversário das Almas

Em virtude do mau tempo não pôde realizar-se no domingo, como estava anunciada, a procissão de finados ao cemitério municipal, promovida pela Irmandade das Almas, erecta na Basílica de S. Pedro. Naquela igreja houve, porém, diversos actos fúnebres pelas Almas.

Imaculada Conceição

No templo paroquial de S. Sebastião (Domínicas), realiza-se uma festividade em honra da Padroeira, com o seguinte programa:

Dia 7, às 23,30, adoração do Santíssimo Sacramento, seguindo-se a missa rezada e comunhão geral; dia 8, pela manhã haverá as missas habituais do horário dos domingos; às 19 horas, adoração solene, encerramento do Ano Mariano e bênção do Santíssimo Sacramento.

— Na igreja de N. S.ª da Oliveira, principia hoje uma semana de prègações em honra da Imaculada Conceição, por um distinto orador, realizando-se a conclusão no dia 13, com toda a solenidade.

— Na igreja de S. Dâmaso, também está a decorrer pelas 9 horas, seguida de missa, a novena de Nossa Senhora.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Nobel, à Rua de Santo António, Telef. 40199.

Encerramento dos Talhos

No dia 8 de Dezembro estarão encerrados os talhos nesta cidade.

Atropelamento

Tendo sido atropelado por um automóvel no lugar do Castanheiro, recolheu ao Hospital da Misericórdia, João Ramos, solteiro, cobrador.

Câmara Municipal

Está em pagamento na Tesouraria da Câmara Municipal o subsídio anual para expediente e limpesa aos professores primários e regentes do concelho de Guimarães.

Monumentos Nacionais

Terminou o restauro da cúpula gótica da capela tumular dos Pinheiros, sob a torre da Colegiada de Guimarães, obra de apreciável beleza que tanto veio realçar o magnífico túmulo ali existente.

Teatro Jordão

HOJE, ÀS 15 E ÀS 21 HORAS

APRESENTA

TORTURADA PELA PAIXÃO

com Margaret Lockwood e Wendell Corey.

Página empolgante que comove e absorve, relatada com vigor e delicadeza.

(Espectáculo para maiores de 18 anos)

TERÇA-FEIRA, 7 -- ÀS 21 HORAS

O rebelde mascarado

com Philiph Friend e Wanda Hendrix.

A história de um homem que roubou como Robin dos Bosques e amou como Don Juan.

(Espectáculo para maiores de 13 anos)

QUARTA-FEIRA, 8 -- ÀS 15 E ÀS 21 HORAS

A Baía das Tormentas

com James Stwart e Dan Duryea.

A luta brutal, movida não só pela defesa dos direitos, mas também pelos ciumes que despertaram duas lindas raparigas.

(Espectáculo para maiores de 13 anos)

QUINTA-FEIRA, 9 -- ÀS 21 HORAS

UM GRITO AO TELEFONE

com Valerie Hobson e James Donald.

O angustioso apelo de uma criança ao telefone, lança a polícia na pista de uma temível quadrilha de «gangsters».

(Espectáculo para maiores de 18 anos)

SÁBADO, 11 -- ÀS 21,30 HORAS

495 *Em Sessão Popular*

ESPADA VINGADORA

(Espectáculo para maiores de 18 anos)

Bernardino Martins

Tendo passado no dia 3, o 1.º aniversário da morte deste nosso saudoso conterrâneo, foram resadas missas, por sua alma, nos templos da Misericórdia e S. Francisco, actos que estiveram muito concorridos.

Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Guimarães

CONVITE

A Venerável Ordem Terceira de S. Francisco vai homenagear no próximo dia 8 o insigne Benemérito Senhor MANUEL MARQUES NOVO, mandando celebrar uma missa por sua intenção na igreja da Venerável Ordem, ás 12 e 30 horas, seguindo-se a inauguração do seu retrato na galeria dos Benfeitores.

Convidam-se por isso todos os Irmãos Terceiros a assistir a tão justíssima homenagem, por cuja presença a Mesa apresenta os seu melhores cumprimentos de gratidão.

Guimarães, 2 de Dezembro de 1954.

494 *A Mesa.*

OFERECE-SE Ajudante de afinador com prática de debuxo. Esta redacção informa. 496

Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha

ASSEMBLEIA GERAL

São convidados os Irmãos desta Irmandade, nas condições do Art.º 28.º dos Estatutos, a reunirem na Casa do Despacho no dia 12 do mês corrente, pelas 10 horas, para a eleição da Mesa Administrativa para o ano de 1955.

Não comparecendo número legal de Irmãos, fica a Assembleia adiada para o dia 19, no local e hora acima indicado.

Guimarães, 3 de Dezembro de 1954.

O Juiz da Irmandade, 493

Padre João de Oliveira.

DESPORTO

Esclarecimento

O sr. Dr. Bento da Costa Caldas, ao abrigo do disposto na Lei de Imprensa, fez notificar judicialmente o director do «Notícias de Guimarães» para que este esclarecesse se as referências contidas nos artigos subscritos por «Um de Nós», publicados com o título «Desporto» e os subtítulos «O caso do Caraça» e «Justificação», respectivamente nos números 1.888 e 1.190, lhe diziam respeito, pois os considera injuriosos.

Para obter tal esclarecimento não carecia o sr. Dr. Bento da Costa Caldas de usar da referida Lei, pois se doutro modo no-lo tivesse solicitado, logo lhe daríamos plena e pública satisfação.

Os questionados artigos referem-se, de facto, a S. Ex.ª. Foram escritos por um nosso distinto colaborador, que neles versou assunto que se revestiu do maior interesse local e cuja solução se rodeou de circunstâncias que despertaram indignação e unânimes protestos dos vimaranenses, criando, assim, um clima de profunda e dolorida vibração bairrista, que justifica e explica a vivacidade dos comentários neles contidos.

Porém, não foi intenção do nosso colaborador ofender o sr. Dr. Bento da Costa Caldas na sua honra e consideração, isto é, injuriá-lo.

Aliás, em caso algum isso poderia acontecer, sobretudo através deste Jornal, por uma questão de princípios aqui sempre seguidos e porque, tanto como o nosso colaborador, não conhecemos factos, de qualquer natureza que impliquem menos apreço pelo notificante.

TRÊS apontamentos

Directriz

Ficou bem definido o *plano* desta secção, na local por nós publicada, quando do início da actual época de futebol. — Dignificação da causa desportiva, luta intransigente pelos princípios-base que a devem orientar.

Por isso no chamado «caso Caraça» colocamos sempre a nossa opinião dentro desta directriz.

Nunca afirmamos, por exemplo, que o despacho que sancionou a transferência tinha sido um acto contra a lei. A repartição respectiva tinha tomado deliberações sobre documentos que lhe foram apresentados.

Já, por outro lado, dissemos que o processo seguido para colocar a transferência à face da lei é que estava fora dos princípios que devem orientar as relações entre colectividades congéneres.

— Caraça, que nos conste, antes nunca tinha trabalhado;

— não possuia também, à data da transferência, as habilitações literárias que lhe permitissem colocação em lugar público;

— e nos parecia ainda que conseguir-lhe uma colocação em lugar público, em Mourão, a 60 Km. de Evora, não lhe possibilitava simultâneamente, dados os horários das repartições públicas, actividade desportiva justificativa de transferência.

Cremos que nestas bases também fundamentaram os dirigentes do Vitória os seus recursos sobre o caso.

Aguardam, assim, os desportistas de Guimarães, serenamente os despachos confirmativos da sua razão ou a negação dela. E nós, consequentemente, situamo-nos na mesma posição.

A posição de cada um depende, portanto, de entidades que estão acima de quaisquer influências e por isso reafirmamos que nos sobrelevamos a tudo com o desejo sincero de conseguir justiça.

Sócios de ocasião

Os clubes provincianos, que vivem essencialmente de meia dúzia de sócios dedicados do que duma cotização certa duma massa associativa numerosa, sentem mais, que os clubes grandes, as atitudes isoladas da saída de um ou de outro, pretextando desconsiderações ou atitudes de independência. Causam mais prejuizo estes poucos do que aqueles em maior número, que quando vem o defeso ou quando o grupo se afunda com resultados que não se esperavam, deixam de pagar as suas cotas para, no início da época seguinte, virem novamente solicitar a sua inscrição a pretexto de esperanças que lhes dão novas aquisições. E' um quantitativo, embora volumoso que se perde, mas por ter quase sempre o mesmo valor, a balança económica do clube já o prevê e já se encontra preparada com os meios que lhe permitem evitar um desiquilíbrio funesto.

O mesmo não acontece entretanto com aqueles que, em pequeno número, arregimentam em sua volta um grupo de adeptos que os gostam de ouvir e que, por isto ou por aquilo resolvem sair de associados para mais tarde, em véspera de Assembleia Geral, pretenderem voltar a sê-lo, na promessa de organizarem o *escândalo*, com uma agitação que é sempre perniciosa pelas dessidências que pode provocar.

Não compreendemos que se aplauda estas saídas ou entradas e nêm mesmo as ajudamos a consumar, pois compreendemos que aqueles que têm sobre os seus ombros as responsabilidades do Clube, a troco de muitos sacrifícios pessoais, não devem estar à mercê da contingência destes *temporais*, que sé fazem para gozo e se aproveitam para provocar posições de evidência.

Ressalvando um lapso

Quando aqui, no último número, fizemos referência à mudança dos dirigentes da Federação Portuguesa de Futebol não nos ocorreu uma referência, que por ser justa, vamos agora fazer.

Trata-se de mencionar que saiu dos Corpos Gerentes da Federação um vimaranense que tem uma obra grande dedicada ao Desporto da sua terra. E' António Faria Martins, que deve ser, sem discussão, o mais antigo dirigente do desporto local. Por isso parece-nos que não é de perder o valor que um *render de guarda* afastou dos postos do comando e tem que se ir pensando em ocupá-lo, embora isto lhe acarrete mais um sacrifício pessoal.

Não temos na nossa terra valores em quantidade que possamos desprezar aqueles com longas provas dadas de dedicação e, assim, ao fazermos esta referência, dizemos, também, que contamos que António Faria Martins não queira ser atingido pela *reforma*.

TORNEIOS REGIONAIS

Para o torneio regional de júniores a equipa do Vitória deslocou-se a Fafe, no último domingo, e aí venceu o F. C. Fafe por 3-2. No mesmo domingo, no Campo das Taipas, o Desp. F. Holanda perdeu com o Sp. de Braga por 3-0. Aproveitando ainda o feriado do 1.º de Dezembro, o Desp. F. Holanda jogou, em Famalicão, o encontro que tinha em atrazo com o clube local, alcançando o empate de 0-0.

Vão assim os dois clubes locais, aproveitando este torneio de jovens jogadores, conseguindo resultados satisfatórios. O Campeão Regional da época passada, com melhores meios de preparação e numa série que se nos aparenta mais fácil, já conseguiu aqueles resultados que o levarão ao primeiro lugar dentro dela, e o Desp. F. Holanda, ainda no começo da sua vida de futebol oficial, não tem desmerecido das possibilidades que aparentava ter no início da prova e assim esperamos que no final dela se coloque num lugar de honrosa evidência.

Está terminada a 1.ª volta nas duas séries, iniciando-se hoje a segunda, mas as duas equipas locais ficarão paradas este domingo, em virtude do sistema em que o torneio se realiza, o qual não é de modo algum de elogiar como já frizamos diferentes vezes.

C. U. F.

ADUBOS MISTOS CONCENTRADOS

Em Pó ou granulados

para cereais (trigo, milho, etc.) — BARROS ALENTEJO FOSFO-NITRO 7-11-0

para batatas, vinhas, oliveiras, árvores de fruto e hortas — FOSKAMÓNIO CUF 6-8-8

Adubos que possuem todos os elementos fertilizantes necessários para se obterem **abundantes colheitas**

- Dosagem rigorosa
- Mistura homogénea
- Sacaria nova e resistente

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

consultem as nossas tabelas

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

LISBOA R. do Comércio, 49 — PORTO R. Sá da Bandeira, 82

REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

489

J. MONTENEGRO

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS — ALTA E BAIXA TENSÃO

Largo 28 de Maio, 78-1.º — Tel. 4510

GUIMARÃES 224

Casa de SANTA TERESINHA

Rua da Rainha D. Maria II, 125-127

GUIMARÃES

Esta tão acreditada casa que sempre primou pelo bom gosto de seus artigos religiosos e vários outros para adorno das habitações, estando sempre na vanguarda de qualquer outra congénere, comunica aos seus estimados clientes e respeitável público em geral, que já recebeu e continua recebendo, em grande escala, vários artigos para o Presépio do Natal das melhores estatuárias da Metrópole.

Para tal fim, espera, de todos, uma visita ao seu modesto e acreditado estabelecimento. 456

CASA DAS NOVIDADES

LIVRARIA E PAPELARIA

RUA DA RAÍNHA, 105

GUIMARÃES

CANETAS DE TINTA PERMANENTE: O mais completo sortido aos melhores preços. Vendas a Pronto e a Prestações com bónus. GRAVAÇAO DO NOME, FEITA GRATUITAMENTE, NAS CANETAS DE PREÇO SUPERIOR A 25$00.

«CARI»

Casimiro Ribeiro

Obras Públicas e Edificações Gerais

TELEFONE 4609 — PEVIDÉM — End. Teleg. CARI

60

TUBOS GALVANIZADOS!...

A Competidora de Representações, L.da

É a única firma no concelho importadora de TUBOS GALVANIZADOS. Mas não os importa de parede reduzida, porque têm: Menos parede, menos peso e menos duração.

RUA DA RAÍNHA N.º 115 — TELEF. 4523

GUIMARÃES 415

A AGÊNCIA DE CONTRIBUINTES

GOMES ALVES

Do LARGO DO TOURAL

Encarrega-se da Compra e Venda de Prédios (Rústicos e Urbanos).

Preferir esta Agência é ter a certeza de uma boa e honesta transacção.

436

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias por Exportação e Importação.

Sua Recolha ou entrega no Domicílio.

JOSÉ DE MELLO

SUCESSORA

Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIO: *Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO*

Telefones: 21073 e 21074 — Est. 57

ARMAZÉM EM MATOSINHOS

Telef. Mat. 647 12

Ofertas e Procuras

ALUGA-SE Uma casa com 6 divisões e pequeno quintal, na rua da Liberdade.
Informa esta redacção. 454

Costureiras Precisam-se, com habilitações para trabalhar em máquinas eléctricas, na confecção de malhas.
Esta redacção informa. 453

Prensa Hidráulica
Vende-se completamente nova.
Informa esta redacção. 432

ALUGA-SE CASA com oito divisões, jardinzinho e um pequeno laranjal no lugar de Nossa Senhora da Conceição. 473
Falar no Largo João Franco, 8.

Motor monofásico NOVO — Arrancados automático — fabrico alemão — 1 Kw. VENDE-SE. 480

TERRENO -- Vende-se Óptimo para construções, entre Taipas e Guimarães, à face da estrada, com luz eléctrica.
Tratar n'«A IMPERIAL» — Guimarães. 486

Hóspede (a) Aceita-se em casa particular com ou sem pensão. Resposta a J. D. a este jornal.

VENDEM-SE Prédios urbanos em Guimarães e nas Caldas das Taipas, bem localizados, devolutos. Esplêndidas habitações ou bom emprego de capital.
Falar na Agência de Contribuintes Gomes Alves — Toural — Guimarães. 481

Fogão Setoliva, de lenha, com cilindro em cobre, tudo em bom estado. VENDE-SE. Informa a redacção. 479

350 CONTOS--Preciso
Sobre duas boas quintas de rendimento, no concelho de Guimarães. Informa: FIGUEIREDO — R. Bonjardim, 1014-1.º — PORTO. 491

Tecelagem ou Fábrica de Tecidos de Algodão — Compram-se ALVARÁS CONDICIONADOS, ou tecelagens manuais e mecânicas, ou mesmo Fábricas em plena laboração. Cartas com informes para: FIGUEIREDO — R. Bonjardim, 1014-1.º — PORTO. 492

Máquina de malhas de lã — Vende-se estado de nova, «Dubiet», rectilínea, jogo 32, de 80 cm.³.
Ver e tratar na Praça Carlos Alberto, 60-2.º-E. — Porto ou falar Alvaro Bento — Alto da Lixa. 490

Carlos Pinto Leite
SOLICITADOR ENCARTADO
ESCRITÓRIO:
Rua Marechal Gomes da Costa, 105
(Quartas e Sextas-feiras)
FAFE
RESIDÊNCIA:
Largo da República do Brasil, 30
Telef. 40255
GUIMARÃES 470

FIBRA ARTIFICIAL

PHRIX

8

Agentes-Depositários:

WANDSCHNEIDER & C.ª, L.da

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. {Est. 17 / Comp. 21 404 PORTO

CASA ESTRELA

SAPATARIA

Rua de S. Dâmaso, 121-123

(Junto à Marisqueira)

185

Consertos e limpesas de calçado

Calçado novo e por medida

Mande consertar calçado nesta Casa.